

## ZIRALDO E UM 'GUERNICA' NO CANECÃO

Chiara Lages

[Bibliotecária]



Mural do Canecão

Jornais dos dias correntes, mais do que gostaríamos, têm nos alertado para a semelhança de fatos que precederam o golpe e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Dia desses, conversando com Agnes Zoé (aqui da Opinião), comentamos sobre o papel dos cartoons na conscientização e resistência política. Lembramos de Laerte, Caruso, Henfil, Angeli, Maurício de Sousa, Jaguar, Ziraldo e...e... Amantes de colecionar palavras também amam o palavreado das charges, ilustrações, imagens, cartoons... os trejeitos, risos e olhares que zilhões de palavras não expressariam, que brilham em nosso olhar, abrem sorrisos e tocam nossos corações pela irreverência...

Sorrir, sentir e pensar juntos alargam o conhecimento e nos animam a questionar o andar a vida... Agnes me animou a compartilhar essas ideias com vocês a partir do mural, apelidado por terceiros de "A última ceia", de Ziraldo (1967), no Canecão. Inspirado nos traços de Portinari e de Picasso, o painel (32 metros de comprimento e 6 de altura) nasceu, após seis meses de trabalho criativo de Ziraldo e equipe (veja), para ilustrar as paredes internas do Canecão, espaço concebido como cervejaria. O apelido levou o regime a acusar Ziraldo de transgressor. Embora irreverente e opositor ao golpe militar, o cartunista afirma que pintou a obra para ser o **Mural do Canecão**, a casa de espetáculos consagrada pela apresentação de grandes nomes da música brasileira - Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Elis Regina, Roberto Carlos, Cazuza, Chico Buarque, Bethânia, e muitos mais, e estrangeira. "*Apenas arrumei os convivas do mesmo jeito que Leonardo da Vinci*" (veja), num canto equivalente à quinta parte do mural, mas o panorama do painel registra o "*estilo carioca de viver*". Sim, o Rio de Janeiro e seus símbolos integram a obra: a mesa de bar no encontro de amigos para um chopp após o trabalho, o jogo de bicho representado na arca de Noé, os arcos da Lapa, as meninas "nos trinques" chegando animadas à festa, a cachacinha do santo, os seguranças com as mãos cruzadas às costas, as disputas de quem bebe mais, os brindes nas celebrações, o cara calibrado, o Pão de Açúcar, a corrida espacial na guerra fria...

O mural é só uma das polêmicas que envolvem o **Canecão**. Situado no Campus Praia Vermelha da UFRJ, é alvo de longa disputa judicial entre a Universidade e os locatários da casa de espetáculos pela posse do terreno da UFRJ. Abandonado há anos, esse patrimônio público não cumpre sua missão nem à comunidade acadêmica nem à sociedade carioca (e alhures). Recentemente, mas já há uns tantos anos, a **UFRJ** tem se comprometido a reconstruir o Canecão e restaurar o mural. Tido como obra épica, a participação de alunos (das Belas Artes, das artes arquitetônicas, químicas, sanitárias, físicas...) no restauro desse patrimônio histórico é um modo de resgatar a resistência política dos 1960-70. Daqui uns meses, Ziraldo (Caratinga/MG, 24/10/1932) completará 90 anos, em pleno processo eleitoral, e luta pela recuperação de sua obra.

O renascimento do mural poderia simbolizar o renascer de nossa luta para que não tenhamos "a última ceia"... Com tamanho fôlego, o cartunista, humorista, poeta, cronista Ziraldo, que começou a trabalhar aos 22 anos em coluna de humor na Folha da Manhã (hoje Folha de São Paulo), nos inspira a resistir com arte.

Como muitos cronistas da época, em 1957 teve uma coluna de humor na revista *O Cruzeiro*, na qual iniciou seus quadrinhos com a **Turma do Pererê** que, após se tornar uma revista, foi 'cancelada' pelo regime em 1964. Trabalhou em *O Pasquim* e foi preso pelo regime junto a outros colaboradores da imprensa de resistência da época. Crítico e irreverente, Ziraldo também foi questionado, inclusive por colegas, como em 2008, em virtude de indenização e pensão vitalícia resultante da **ação coletiva** (20 jornalistas), impetrada em 1990 pelo sindicato da categoria contra a União em virtude das perseguições e tortura da ditadura militar. À época, declarou que o Brasil lhe devia a indenização. Devia.

E deve muito mais à usurpada democracia brasileira, às gerações fraturadas na conscientização política, ao atraso irrecuperável da reforma agrária e do programa educacional abortados... O mural do Canecão fotografado está disponível em **acervo digital** e o filme "**O menino maluquinho**" está no YouTube. O livro *O Menino Maluquinho*, premiado (Jabutí 1980) e apreciado pela meninada dos 1990-2000, inspirou filmes/peças/seriados/ópera. Por que não estão disponíveis para leitura on-line os livros? Como bibliotecária, conheço bem as dificuldades em incentivar a garotada (e os nem tão jovens) à leitura.

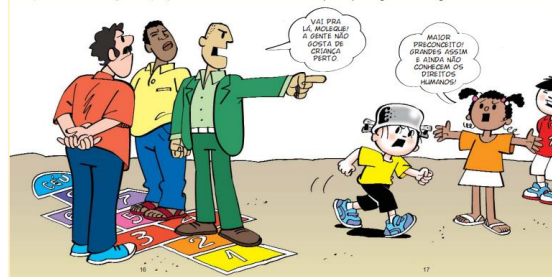
Comprar livros, então... Que tal, Ziraldo, disponibilizá-los ao público infantil, visando motivá-los à leitura? Controvérsias à parte, sua obra continua provocando reflexões. O personagem-título segue ilustrando cartilhas infantis sobre os Direitos Humanos (das crianças e adolescentes, das pessoas portadoras de deficiências, ao trabalho digno, à escola, à saúde, ao registro civil, o respeito às diversidades de gênero, sexo, raça, etnia etc), como ilustrado a seguir:

## VEJA COMO OS DIREITOS HUMANOS ESTÃO NA SUA VIDA...

Ninguém pode te impedir de andar por aí ou viver sua vida por motivo de preconceito. Não importa se é por causa de sua origem, da quantidade de dinheiro que você tem, cor da pele, idade, sexo ou orientação. É seu direito não ser prejudicado por preconceito.

Às vezes, os preconceitos são tão fortes que chegam a criticar a vida de uma população inteira. Por isso, temos leis para impedir o genocídio.

Genocídio é o crime de tentar destruir, por qualquer meio, grupos de pessoas que se caracterizam por raça, etnia, religião ou nacionalidade.



Cartilha Direitos Humanos (Governo Federal, 2008)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.